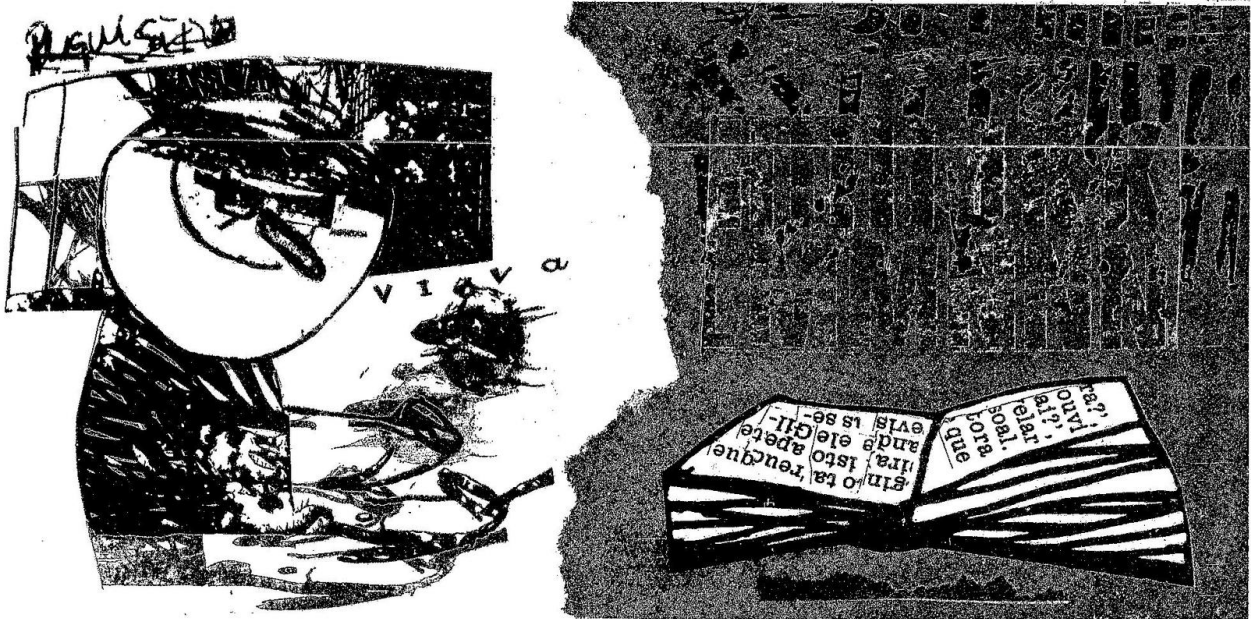


PROSA & VERSO



Autores em compasso de espera

Dúvidas sobre o futuro do Prêmio Nestlé provocam discussão sobre os concursos literários

Mànya Millen

A incerteza sobre o futuro de um dos prêmios literários mais importantes do país — a Nestlé, que já deveria ter anunciado, pelo menos o seu corpo de jurados no fim do ano passado, mas que até agora sequer fixou o seu orçamento — está provocando um certo rebulião no mercado editorial, atizando as dúvidas sobre a realização do evento e lançando a discussão: por que é tão difícil promover um concurso literário sério e duradouro no Brasil? No momento em que a Nestlé avisa que seu prêmio — que pagou um total de R\$ 270 mil no ano passado — atravessa uma “adequação ao orçamento da empresa”, editores e escritores discutem a importância de critérios como notoriedade, valor e estímulo nos concursos literários brasileiros.

— Nosso objetivo é engrandecer a literatura brasileira, e por isso o prêmio continuará a existir. Mas ele está sendo revisto, para que possamos ajustá-lo ao nosso orçamento geral, que engloba também ações institucionais em outras áreas — explica Roberto Parlatto, gerente de assuntos públicos e institucionais da empresa. — Estamos recebendo muitas ligações de escritores ansiosos, mas infelizmente não temos nada além. Só sabemos que o prêmio deste ano deverá ser muito parecido com o anterior, com uma possível ampliação de categorias.

Gasparian lamenta interrupção do prêmio

O livreiro Marcus Gasparian, responsável pela face renovada exibida pelo prêmio no ano passado — ele foi criado em 1982 como Bienal Nestlé de Literatura e em 1996 foi transformado num evento anual, cuja primeira edição foi celebrada em 1997 — lamenta que a empresa não esteja conseguindo cumprir o cronograma prometido.

— Eu disse a eles que o prêmio tem que ser dado no primeiro semestre do ano seguinte à pu-

blicação das obras, pois fica mais próximo do sucesso dos livros, e infelizmente já perdesmos um ano — avisa Gasparian, que, apesar do convite da Nestlé para se manter à frente do evento, ainda não disse o “sim” definitivo. — Um prêmio tem que durar. Conseguimos um ótimo resultado no ano passado, com a participação do público na votação final, com a criação da categoria de autor estrangeiro e com a premiação para as editoras que publicaram novos talentos. Eu me preocupo com a frustração que todos possam vir a ter.

Frustração como a que já manifesta Luciana Villas-Boas, diretora editorial da Record, a editora mais premiada no Nestlé em 97, com três dos seis prêmios — melhor autor estreante/poesia

(Antonio Cícero); melhor autor estreante/contos (Antonio Fernando Borges) e melhor autor consagrado/poesia (Manoel de Barros).

— Eu contava com o Nestlé este ano e tinha grandes esperanças para livros nossos — confessa Luciana. — Um prêmio é a única forma de promover uma valorização social da literatura, sem contar que é um meio de garantir a entrada significativa de dinheiro para alguns autores. O Nestlé era o único que justificava os olhares da imprensa, e será uma pena se ele não acontecer.

O poeta Alexei Bueno acredita que a importância de um prêmio é "ínfima", descontando-se a vantagem monetária para quem está concorrendo. Citando casos de grandes escritores que per-

deram prêmios para outros menos interessantes, de Fernando Pessoa a Guimarães Rosa, Alexei — ele próprio já premiado três vezes em concursos diversos nos últimos três anos — é enfático:

— Com raríssimas exceções, o que ganha prêmio literário é sempre o estilo de época, e a tendência é premiar o consenso banal. Borges morreu com mais de 80 anos sem ter levado o Nobel. É claro que dificilmente uma porcaria ganharia prêmio e é claro que eu também não recusaria nenhum, mas é bom lembrar que os prêmios são um incentivo, não um atestado de qualidade.

Prêmio José Ermírio tem valor aumentado

Para Elmer Barbosa, diretor do Departamento Nacional do Livro, da Fundação Biblioteca Nacional — que premia anualmente livros de poesia, romances, contos e ensaios, além de manter bolsas de estímulo para autores novos, entre outras ações — concorda com Bueno, mas vai além:

— O prêmio literário é uma distinção. Ele diz que é algo que merece atenção naquele momento, pois a obra publicada já está consagrada. O prêmio é injusto porque distingue um e não outro, mas ao distinguir ele projeta um fecho de luz sobre toda a produção literária.

Enquanto a Nestlé puxa o seu freio de mão, o Prêmio José Ermirio de Moraes, criado pelo empenho José Ermirio de Moraes Filho para homenagear o pai e concedido há três anos pela Academia Brasileira de Letras, terá seu valor aumentado este ano, de R\$ 50 mil para R\$ 70 mil. Diferentemente do Nestlé e do Jabuti — que completa quatro décadas de vida em 98 — o José Ermirio premia a literatura num sentido mais amplo e é concedido a um único nome, escolhido por cinco imortais da ABL.

— É um prêmio de reconhecimento num país que reconhece tão pouco seus homens de cultura — afirma Arnaldo Niskier, presidente da ABL. — Ninguém come medalha, mas um prêmio de valor expressivo pode enriquecer um homem com viagens ou com uma bela biblioteca. ■

O avanço persistente do Jabuti

Prêmio celebra seus 40 anos procurando mais credibilidade

- Tido como um animal de inteligência e grande persistência, o jabuti é o símbolo de um dos prêmios literários mais antigos do país, que completa em 1998 seus 40 anos. O aniversário será comemorado durante a cerimônia de entrega dos prêmios de 1997, no dia 1º de maio, na Bienal do Livro (como manda a tradição), que este ano acontece em São Paulo. Tanta tradição não impede que o Jabuti, promovido pela Câmara Brasileira do Livro, também padeça dos mesmos males que os outros prêmios: acusações de falta de critério na seleção, na premiação, no número de categorias etc.

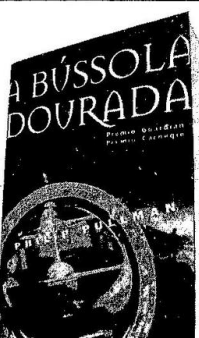
— É difícil encontrar no Brasil alguém que ainda não tenha ganhado o Jabuti — espeta Sérgio Sant'Anna, que já carrega dois Jabutis em sua bagagem. — Quando todo mundo ganha, desvaloriza-se o prêmio.

Para José Luiz Goldfarb, coordenador do prêmio desde 91, a história não é bem assim. Como prêmio do mercado editorial, o interesse é que todas as categorias (hoje são 15, com três vencedores em cada) sejam lembradas, do melhor autor até o melhor capista.

— Não pretendemos deixar ninguém sem incentivo — reconhece o coordenador. — Mas não é verdade que o Jabuti premia todo mundo e qualquer um. Já tivemos polêmicas sobre injustiças, como qualquer outro prêmio, o que significa que ele é importante e disputado.

O Jabuti de fato andou mais nos últimos anos, passando a dar um prêmio em dinheiro e remunerando seus 50 jurados, antes voluntários, dando mais credibilidade ao evento.

— Hoje o Jabuti é um termômetro da nossa produção literária — afirma Goldfarb.



A BÚSSOLA DOURADA:

“BELO, CHOCANTE, COMOVENTE, INTELECTUALMENTE ENGRAÇADO,
DE UMA INVENTIVIDADE MAGNÍFICA. SIMPLEMENTE UMA GRANDE HISTÓRIA.”

THE LONDON TIMES

"REALMENTE GRANDIOSO... FORÇA E BELEZA, CENA APÓS CENA."

THE NEW YORK TIMES



De tempos em tempos, surge um livro que marca a imaginação de toda uma geração. Nos anos 90, este livro é A BÚSSOLA DOURADA, do inglês Philip Pullman. Vencedor do prêmio Carnegie, este romance, cheio de fantasia, aventura e mistério, vem conquistando, mundo afora, leitores de todas as idades e a crítica especializada. A BÚSSOLA DOURADA, 420 páginas, R\$ 24,00. Nas livrarias ou pelo Disque Objetiva: 0800 22 44 66, ligação gratuita. Internet: <http://www.objetiva.com>

